



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

EDITORIAL - Dossiê Práticas de Leitura Literária em Contextos de Inclusão

EDITORIAL – Dossier: Prácticas de Lectura Literaria en Contextos de Inclusión

EDITORIAL – Dossier: Literary Reading Practices in Inclusive Contexts

<https://doi.org/10.34024/olhares.2026.v14.23347>

Diego Fernandes Coelho Nunes
Instituto Benjamin Constant; PPLIN/UERJ
diego.nunes@ibc.gov.br

Fernando Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP
fernando.oliveira13@unifesp.br

Caro/a leitor/a, este dossiê reúne dez artigos que discutem o papel da leitura literária na formação de leitores em contextos educativos marcados pela diversidade. A coletânea nasce do reconhecimento de que o direito à literatura e à participação nas práticas sociais de leitura precisa ser assegurado a todos os sujeitos, considerando suas singularidades, seus modos de comunicação e suas diferentes formas de interação com a linguagem. Ao colocar em diálogo pesquisas, análises e experiências pedagógicas, este dossiê contribui para ampliar as reflexões sobre acessibilidade, mediação literária, representatividade e formação de leitores críticos em uma perspectiva inclusiva.

A publicação deste dossiê também convida à reflexão sobre os dez anos da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), promulgada em julho de 2015. Esse marco legal reafirma o direito das pessoas com deficiência à participação social em condições de igualdade e constitui uma referência fundamental para pensar os desafios que atravessam os espaços educacionais. A presença de estudantes com deficiência nas instituições de ensino, entretanto, não se efetiva plenamente apenas com o acesso à matrícula



ou com a garantia de permanência. É necessário enfrentar barreiras físicas, comunicacionais, pedagógicas e atitudinais, de modo que todos possam participar das experiências de aprendizagem e usufruir dos bens culturais produzidos socialmente.

Nesse contexto, a leitura literária assume especial relevância. Como experiência estética, cultural e humana, a literatura permite o encontro com diferentes linguagens, subjetividades e formas de compreender o mundo. Sua potência formativa, contudo, não se realiza de maneira automática: depende também das condições de acesso às obras, das possibilidades de participação dos leitores e das concepções que orientam as práticas de mediação. Pensar a literatura em contextos de inclusão significa, portanto, questionar a centralidade exclusiva do texto escrito e visual, reconhecer outras formas de fruição e comunicação e compreender a acessibilidade como parte constitutiva da experiência literária.

Os dez artigos que compõem o dossiê abordam essas questões por diferentes caminhos. A coletânea contempla discussões teóricas, pesquisas bibliográficas e documentais, análises de obras e experiências pedagógicas que envolvem crianças, adolescentes e estudantes da Educação Profissional e Tecnológica. Seus autores estão vinculados a instituições de diferentes estados e regiões do país, incluindo Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Paraná, Ceará e Rio Grande do Sul. Essa diversidade geográfica amplia o alcance do debate e favorece o diálogo entre distintas experiências de pesquisa e contextos educacionais brasileiros.

Uma primeira dimensão que atravessa os trabalhos diz respeito à ampliação das formas de acesso à literatura e à valorização de diferentes modos de experimentar a linguagem. Em "Apertar o play e mediar: o audiolivro na educação literária", Renan Luis Salerno e Diana Navas discutem o audiolivro como experiência estética e inclusiva, destacando a voz em performance, a paisagem sonora e a escuta como dimensões legítimas da fruição literária. O estudo questiona práticas de leitura excessivamente centradas no texto escrito e visual e propõe compreender a escuta como possibilidade de participação, especialmente para leitores cegos ou com baixa visão.

Em diálogo com essa discussão, Liliam Cristina Marins, Laura Zanetti e Cássia Rita Conejo Barbana, no artigo "Audiodescrição enquanto modalidade tradutória: produção de AD para o livro Super Valente", analisam o processo coletivo de elaboração da audiodescrição da capa e da nota introdutória de uma obra infantil. Ao examinar as escolhas tradutórias, as adaptações lexicais e a contextualização de elementos visuais, culturais e geográficos, as autoras evidenciam como a audiodescrição pode contribuir para a construção de sentidos e para a ampliação da experiência estética de crianças cegas ou com



baixa visão. Os dois trabalhos ressaltam, assim, que os recursos de acessibilidade não se limitam à transmissão de informações, mas podem integrar e enriquecer a mediação literária.

A acessibilidade também é discutida em sua relação com os suportes, os recursos de comunicação e as estratégias pedagógicas. Em "Letramento literário numa perspectiva inclusiva: mediação de leitura com o livro em multiformato Jean e a festa entre culturas", Camila Freire da Silva, Francisca Maria Gomes Cabral Soares e Vera Lúcia Rodrigues Paula apresentam uma proposta de mediação fundamentada na sequência básica de letramento literário. O artigo explora as possibilidades dos livros em multiformatos e da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), destacando seu potencial para favorecer a participação de estudantes não alfabetizados ou com comprometimentos na comunicação oral. A experiência reforça a importância de estratégias que reconheçam diferentes formas de interação e expressão, contribuindo para democratizar o acesso às práticas literárias.

Por sua vez, em "Literatura Surda e multimodalidade: análise semiótica e mediação docente", Eva dos Reis Araújo Barbosa e Maria Geralda Caetano analisam a obra **A pílula de Tábata**, considerando a articulação entre desenhos, cores, português escrito, Língua Brasileira de Sinais (Libras) e *SignWriting*. A investigação evidencia a centralidade da visualidade e a distribuição complementar de informações entre os diferentes modos semióticos, apontando possibilidades para a leitura e a mediação pedagógica na educação de surdos. Ao mesmo tempo, as autoras assinalam a necessidade de pesquisas futuras que investiguem empiricamente a recepção da obra por estudantes. O estudo contribui para destacar que a inclusão requer o reconhecimento das especificidades linguísticas e culturais dos leitores surdos, para além da simples adaptação de práticas concebidas para outros públicos.

Outra vertente importante do dossiê aborda a representação da diferença na literatura infantil e as relações entre formação leitora, acessibilidade e enfrentamento do capacitismo. No artigo "Letramento literário na perspectiva da literatura inclusiva", Marcia de Oliveira Gomes discute as características da literatura inclusiva, considerando tanto a diversidade presente nas temáticas e autorias quanto as condições de acesso ao livro como objeto cultural. A partir de uma revisão bibliográfica e da proposição de uma sequência didática baseada na literatura indígena, o estudo evidencia as contribuições do letramento literário para a formação de leitores mais conscientes da pluralidade humana e comprometidos com o respeito às diferenças.

Em "Literatura infantil e pluralidade humana: ética, estética e acessibilidade", Eliana Guimarães Almeida e Renata Junqueira de Souza analisam vinte obras infantis selecionadas de um corpus mais amplo de 149 títulos. O



estudo identifica diferentes modos de representação da pluralidade humana, observando tanto obras que questionam perspectivas normativas e capacitistas quanto aquelas que incorporam recursos como Braille, texturas e elementos multissensoriais ao projeto gráfico-editorial. A pesquisa demonstra que a acessibilidade pode integrar a própria composição estética da obra, em vez de constituir apenas um recurso complementar.

A discussão sobre representatividade e educação anticapacitista ganha continuidade em "Literatura e leitura na escola: histórias não contadas", de Fabíola Ribeiro Farias e Cleide Fernandes. As autoras refletem sobre a visibilidade de crianças com deficiência e crianças atípicas na literatura infantil e sobre as possibilidades de a leitura contribuir para desconstruir preconceitos, discriminações e barreiras atitudinais. Ao defenderem a preservação das dimensões estética e linguística da literatura, as autoras problematizam sua instrumentalização como simples veículo para a transmissão de valores ou conteúdos disciplinares. A contribuição do artigo está em evidenciar que a potência anticapacitista da leitura literária também reside no encontro com outras experiências, subjetividades e modos de existir.

As condições concretas de participação dos estudantes nas práticas de leitura constituem outro eixo da coletânea. Em "A leitura do gênero conto infantil por alunos autistas", Ana Paula Oliveira de Andrade e Mônica de Souza Serafim apresentam uma pesquisa qualitativa realizada com sete estudantes autistas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir de oficinas de leitura, as autoras discutem a compreensão do gênero conto e identificam estratégias que podem favorecer a participação e a autonomia dos estudantes, como a associação de imagens às atividades e a formulação de enunciados mais curtos. O trabalho evidencia a importância de planejar propostas pedagógicas que considerem as singularidades dos leitores, sem desconsiderar suas possibilidades de interação com a linguagem literária.

Em perspectiva complementar, "Leitura literária na educação inclusiva: a experiência do Clube de Leitura Fácil", de Vanessa de Oliveira Dagostim Pires, Alexandra Feldekircher Müller, Veronica Pasqualin Machado e Kelen dos Santos Jaboinski, apresenta uma experiência desenvolvida com estudantes da Educação Profissional e Tecnológica, entre os quais pessoas com deficiência intelectual, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, dislexia, transtorno do espectro autista e dificuldades de compreensão leitora. A leitura compartilhada de contos adaptados em Leitura Fácil, realizada em diferentes espaços da instituição de ensino, evidencia possibilidades de mediação literária que articulam acessibilidade textual, participação coletiva e formação leitora. O artigo amplia o debate para além da infância e dos anos iniciais da escolarização, ressaltando a relevância de iniciativas inclusivas também no ensino médio integrado à educação profissional.



A coletânea inclui, ainda, uma abordagem interdisciplinar das relações entre identidade, subjetividade e pertencimento. Em "Cidadania e subjetividade: análise fílmica da obra **O Milagre de Tyson**", Mônica Moura Neves e Márcia Regina Castro Barroso examinam uma narrativa cinematográfica que retrata a experiência de um adolescente com transtorno do espectro autista, seus desafios de inserção escolar e sua busca por reconhecimento e realização pessoal. Com base em discussões sobre identidade social, identidade cultural e sociedade contemporânea, o artigo problematiza os estigmas, a camuflagem social e as barreiras que atravessam a experiência de pessoas autistas. Embora não tenha a leitura literária como objeto central, o estudo dialoga com os propósitos do dossiê ao ampliar a reflexão sobre as narrativas culturais, o reconhecimento da diversidade e as condições sociais necessárias à construção do pertencimento e ao exercício da cidadania.

Considerados em conjunto, os dez artigos mostram que a construção de práticas de leitura literária em contextos de inclusão exige atenção a dimensões que se complementam: os suportes e as linguagens de acesso às obras, os recursos de acessibilidade, as formas de representação da diversidade, as estratégias de mediação e as condições concretas de participação dos leitores. Os trabalhos também evidenciam que não há uma única resposta pedagógica para a pluralidade dos sujeitos. A inclusão demanda escuta, planejamento e flexibilidade, assim como o reconhecimento de que os estudantes podem construir relações significativas com a literatura por diferentes caminhos.

A diversidade regional dos trabalhos constitui, nesse sentido, uma dimensão importante do dossiê. A presença de pesquisadores vinculados a instituições de diferentes estados brasileiros favorece a circulação de conhecimentos e experiências que, embora situados em contextos específicos, contribuem para questões comuns à educação inclusiva. O diálogo entre essas perspectivas amplia as possibilidades de compreender os desafios da formação de leitores e de identificar práticas que possam inspirar novas experiências pedagógicas, respeitadas as particularidades de cada contexto.

Ao reunir pesquisas e reflexões que articulam literatura, acessibilidade, representação e mediação, este dossiê reafirma que o direito à leitura literária não se esgota na disponibilização de livros ou na oferta de recursos adaptados. Ele envolve a possibilidade de participar, interpretar, compartilhar e produzir sentidos, em experiências que reconheçam os leitores como sujeitos de direitos e de cultura. Implica, igualmente, preservar a dimensão estética da literatura e evitar que sua presença na escola seja reduzida a instrumento para o ensino de conteúdos ou a transmissão de valores previamente estabelecidos.

Esperamos que os trabalhos aqui apresentados contribuam para fortalecer o debate acadêmico, inspirar práticas pedagógicas e fomentar novas pesquisas



sobre a leitura literária em contextos de inclusão. Que este dossiê favoreça o encontro entre diferentes experiências e perspectivas, estimulando a construção de espaços educativos nos quais a diversidade seja reconhecida como parte constitutiva da vida coletiva. Garantir a todos o acesso à literatura é também ampliar as possibilidades de imaginar, compreender e transformar o mundo, reconhecendo na experiência literária um espaço de criação, participação, pertencimento e humanização.